

**SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA**  
**PERSPECTIVAS**



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor  
FERNANDO FERREIRA COSTA

Coordenador Geral da Universidade  
EDGAR SALVADORI DE DECCA



Conselho Editorial

Presidente  
PAULO FRANCHETTI

ALCIR PÉCORA – CHRISTIANO LYRA FILHO  
JOSÉ A. R. GONTIJO – JOSÉ ROBERTO ZAN  
MARCELO KNOBEL – MARCO ANTONIO ZAGO  
SEDI HIRANO – SILVIA HUNOLD LARA



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Reitor  
RICARDO VIEIRALVES DE CASTRO

Vice-reitora  
MARIA CHRISTINA PAIXÃO MAIOLI



EDITORA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Conselho Editorial

Presidente  
ITALO MORICONI

ANTONIO AUGUSTO PASSOS VIDEIRA – FLORA SUSSEKIND  
IVO BARBIERI – LUIZ ANTONIO DE CASTRO SANTOS  
PEDRO COLMAR GONÇALVES DA SILVA VELLASCO

**SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA**  
**PERSPECTIVAS**

Organização

**PEDRO MEIRA MONTEIRO**  
**JOÃO KENNEDY EUGÊNIO**

EDITORA  
UNICAMP

ed  
uerj 

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

---

Se66 Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas / Organização: Pedro Meira Monteiro e João Kennedy Eugênio. – Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2008.

1. Holanda, Sérgio Buarque de, 1902-1982.
2. Historiografia.
3. Sociologia.
4. Brasil – História. I. Monteiro, Pedro Meira. II. Eugênio, João Kennedy. III. Título.

ISBN 978-85-268-0757-0 (Editora da Unicamp)	CDD 907.2
	301
ISBN 978-85-7511-101-7 (EdUERJ)	981

---

Índices para catálogo sistemático:

- |                      |       |
|----------------------|-------|
| 1. Historiografia    | 907.2 |
| 2. Sociologia        | 301   |
| 3. Brasil – História | 981   |

Copyright © by organizadores  
Copyright © 2008 by Editora da Unicamp

1ª reimpressão, 2011

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.

Editora da Unicamp  
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp  
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil  
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728  
www.editora.unicamp.br  
vendas@editora.unicamp.br

EdUERJ  
Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Rua São Francisco Xavier, 524 – Maracanã  
CEP 20550-013 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil  
Tel./Fax: (21) 2587-7788/7789  
www2.uerj.br/eduerj | eduerj@uerj.br

## SUMÁRIO

Introdução: um espírito (in)consútil <i>Pedro Meira Monteiro e João Kennedy Eugênio</i> .....	9
--	---

### I Parte – Perspectivas

#### 1. Escrita e circunstância

A importância de ser prudente <i>Alcir Pécora</i> .....	23
A visão política de Sérgio Buarque de Holanda <i>Antonio Candido</i> .....	29
A modernidade brasileira reconta as tradições paulistas <i>Eduardo Henrique de Lima Guimarães</i> .....	37
Os sertões incultos e o ouro do passado <i>Henrique Estrada Rodrigues</i> .....	63
Sérgio Buarque de Holanda e a criação do Instituto de Estudos Brasileiros da USP <i>João Ricardo de Castro Caldeira</i> .....	83
Dr. Sérgio: a coerência do homem e do historiador <i>Richard Graham</i> .....	103
Presença da literatura na obra de Sérgio Buarque de Holanda <i>Walnice Nogueira Galvão</i> .....	117

## 2. Raízes do Brasil

História e Modernismo: herança cultural e civilização nos trópicos <i>Berenice Cavalcante</i> .....	137
<i>Raízes do Brasil</i> : uma releitura <i>Brasil Pinheiro Machado</i> .....	155
Motivos ibéricos, pretextos literários: aspectos modernistas de <i>Raízes do Brasil</i> <i>Conrado Pires de Castro</i> .....	181
Decifra-me ou te devoro: as metáforas em <i>Raízes do Brasil</i> <i>Edgar Salvadori De Decca</i> .....	209
<i>Raízes do Brasil – Sobrados e mucambos</i> : um diálogo <i>Elide Rugai Bastos</i> .....	227
O exílio como eixo: bem-sucedidos e desterrados ou Por uma edição crítica de <i>Raízes do Brasil</i> <i>João Cezar de Castro Rocha</i> .....	245
O homem cordial e a psicanálise <i>Jorge Forbes</i> .....	277
<i>Raízes do Brasil y El laberinto de la soledad</i> : una comparación <i>José Ortiz Monasterio</i> .....	283
Negação das negações <i>Maria Odila Leite da Silva Dias</i> .....	317
Uma tragédia familiar <i>Pedro Meira Monteiro</i> .....	349
Contrapontos à brasileira: <i>Raízes do Brasil</i> e o jogo das metáforas <i>Roberto Vecchi</i> .....	363

### 3. Erudição e imaginação

Notas sobre a questão hermenêutica em Sérgio Buarque de Holanda <i>Arno Wehling</i> .....	387
O historicismo de Nietzsche, segundo Sérgio Buarque de Holanda <i>Ernani Chaves</i> .....	397
Caminhando entre fronteiras: a lógica “trivial” em Sérgio Buarque de Holanda <i>Ettore Finazzi-Agrò</i> .....	413
Um horizonte de autenticidade. Sérgio Buarque de Holanda: monarquista, modernista, romântico (1920-1935) <i>João Kennedy Eugênio</i> .....	425
O exagero na historiografia de Sérgio Buarque de Holanda <i>Marcus Vinicius Corrêa Carvalho</i> .....	461
Latas de leite em pó e garrafas de uísque: um modernista na universidade <i>Robert Wegner</i> .....	481

### 4. Visões do paraíso

Novos olhares sobre velhas fontes: Sérgio Buarque de Holanda e as crônicas de viagens em <i>Visão do Paraíso</i> <i>Gustavo Henrique Tuna</i> .....	505
Sérgio Buarque de Holanda: <i>Visão do Paraíso</i> <i>Luiz Costa Lima</i> .....	519
<i>Visão do Paraíso</i> : Romantismo e história <i>Maria Sylvia Carvalho Franco</i> .....	535
Sérgio Buarque de Holanda, historiador das representações mentais <i>Ronaldo Vainfas</i> .....	547

## **II Parte – Mensagem cifrada – Textos de Sérgio Buarque de Holanda**

O homem-máquina (1921) .....	559
Homeopantias (1921) .....	563
A viagem a Nápoles (1931) .....	565
Corpo e alma do Brasil: Ensaio de psicologia social (1935) .....	583
O pensamento histórico no Brasil nos últimos 50 anos (1951) .....	601
Elementos básicos da nacionalidade: o homem (1967) .....	617

## **III Parte – Dos livros**

Referências bibliográficas de/sobre Sérgio Buarque de Holanda

*Vera Cristina Neumann-Wood e Tereza Cristina O. N. de Carvalho* ..... 641

## **IV Parte – Figurações**

Apresentação

*Neire do Rossio Martins e Márcia Aparecida Marques Silveira* ..... 673

# INTRODUÇÃO

## UM ESPÍRITO (IN)CONSÚTIL

**Pedro Meira Monteiro**  
**João Kennedy Eugênio**

1. Certa feita, um amigo indagou de Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) se já se escrevera dissertação ou tese sobre sua obra. “Não”, respondeu, “por que haveria?”. Importante representante do Modernismo brasileiro, colaborador de revistas do movimento, co-fundador de *Estética*, que circulou entre 1924 e 1925, protagonista de polêmica memorável, que o levou a refugiar-se no Espírito Santo por alguns meses, correspondente de *O Jornal* entre 1929 e 1930, quando esteve na Alemanha, lá tomando contato com as obras de Weber e de representantes do historicismo, intérprete do Brasil, crítico literário e historiador fecundo, criador do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) na Universidade de São Paulo, organizador do primeiro ciclo da *História Geral da Civilização Brasileira*, marco editorial na historiografia brasileira, co-fundador do Partido dos Trabalhadores, o “por que haveria?” é desconcertante. Motivos não faltavam e, mais de 20 anos depois de sua morte, avolumam-se investigações sobre esse espírito que conjugou imaginação e rigor nas pesquisas – muitas delas pioneiras, a exemplo de *Visão do Paraíso*, ou francamente contra a corrente, como em *Do Império à República* – com uma vida dionísíaca que tem rendido muitas anedotas no mundo acadêmico.

O reconhecimento e a valorização de sua produção intelectual são crescentes, mas ainda não se materializaram, na justa medida, em atividades indispensáveis como a recolha de inéditos e dispersos, a edição anotada dos principais livros, a publicação de mais coletâneas de ensaios críticos e afins, que possibilitem discernir seus vários lineamentos. Há muito por fazer, mas se está longe de partir do zero. No que concerne às compilações, temos os trabalhos notáveis de Francisco de Assis Barbosa (1988) e Antonio Arnoni Prado (1996), que têm sido de grande utilidade para os pesquisadores, além da recente empresa editorial de Marcos Costa (2004), que anuncia a retomada e a publicação de textos pouco conhecidos do historiador paulista. É claro, sem esquecer a antologia da coleção *Grandes Cientistas Sociais*, organizada e prefaciada por Maria Odila Leite da Silva Dias (1985).

Quanto às coletâneas de estudos críticos, existem algumas muito importantes: *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*, organizada por Arlinda Nogueira et al. (1988), *Sérgio Buarque de Holanda* (Colóquio UERJ, 1992), *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*, sob organização de Antonio Candido (1998), o número especial da *Revista do Brasil* (1987), cuja edição contou com o empenho de Francisco de Assis Barbosa, o número especial de *Ethnos Brasil* (2002) e *Perfis buarqueanos* (2005), ambos organizados por João Ricardo de Castro Caldeira, ou ainda *Um historiador nas fronteiras* (2005), organizado por Sandra Jatahy Pesavento. Tais coletâneas surgem a partir de meados dos anos 80 – momento em que significativamente o “ensaísmo” parece iniciar sua lenta e difícil reabilitação acadêmica, progressivamente despertando o interesse que o império do espírito analítico lhe havia roubado. Momento ainda em que se acentua a tendência de valorização e análise da obra de Sérgio Buarque, animada de modo particular por Antonio Candido, mestre de umas tantas gerações, analista da trajetória intelectual e política de Sérgio e organizador de textos que a morte do amigo deixou inconclusos, como é o caso dos *Capítulos de literatura colonial* (1991). Por esses e outros motivos é uma honra tê-lo entre os colaboradores deste livro.

2. Um paradoxo cruel ronda Sérgio Buarque: ao longo das décadas, o incensar da obra não se fez sempre seguir de sua efetiva valorização. Assim, *Caminhos e fronteiras*, lançado em 1957, teve sua terceira edição apenas em 1994, o que é de pasmar por se tratar de um dos mais importantes trabalhos de história realizados no Brasil, em qualquer época. Se a isso juntarmos a

falta de edições anotadas e/ou críticas de seus principais livros (em especial *Raízes do Brasil*, que sofreu várias e significativas alterações desde sua primeira edição, em 1936), ter-se-á um quadro eloqüente da falta de equilíbrio entre o reconhecimento público e a publicação crítica de bom nível. Não se trata de caso isolado, porém. Seu companheiro de geração, Gilberto Freyre, apenas muito recentemente mereceu uma edição crítica de *Casa-grande & senzala*, e finalmente se aguarda, com ansiedade, uma edição anotada de *Sobrados e mucambos*, e de mais livros seus.

É claro que a idéia de organizar um volume de ensaios críticos em torno de Sérgio Buarque de Holanda se relaciona à efeméride do centenário, em 2002. É, por isso, uma celebração do legado intelectual criativo e enigmático que nos deixou, mas com a particularidade de tentar fugir ao simples encômio, inócuo e amiúde esterilizante. Afinal, a maior homenagem devida a um autor é dialogar crítica, criativa e apaixonadamente com sua obra, desentranhando-lhe o gume e as sementes capazes de nos ferir e de fazer brotar em nós, parafraseando o poeta, “vegetal (in)quietude”.

Este livro oferece um panorama, provisório e lacunar, dos caminhos e recortes nos estudos sobre a produção intelectual de Sérgio Buarque. Congrega pesquisadores de formação, inserção institucional e orientação teórica variadas, de diferentes gerações, num mosaico que se pretende plural, buscando ressaltar o imenso arco da presença do autor de *Raízes do Brasil* no cenário intelectual contemporâneo e as virtualidades analíticas do seu legado. Os pesquisadores foram convidados ou porque são especialistas dedicados ao assunto, ou ainda, quando esse não é o caso, por haverem contribuído para esclarecer aspectos pontuais relevantes da obra do historiador e crítico literário. Pareceu-nos oportuno tornar conhecido do público parte do que se está produzindo atualmente sobre Sérgio Buarque de Holanda, na forma de dissertações ou teses de pós-graduação – concluídas ou em andamento – nas universidades brasileiras. E isso porque muitas boas teses e dissertações têm ainda o mau hábito de permanecer inéditas.

A pluralidade de abordagens e a gama de instituições aqui representadas, do Brasil, México, Estados Unidos e Itália, ilustram porventura o nosso intento de transcender os limites estritos de um grupo, instituição ou diretiva de pesquisa. A reunião de um conjunto de ensaios tão diversificado deve bastante, sem dúvida, ao próprio “ecumenismo” acadêmico (que não é o mesmo que “irenismo”, pois ele não fogia de uma ou outra polêmica)

que Sérgio Buarque parece propor. Em outros termos, sugeridos aliás em “Erudição e imaginação” (1950), uma baliza para o bom relacionamento entre intelectuais seria o “rigor crítico, sim, mas sem rancor dogmático”.

Apresentamos um misto de textos inéditos e publicados. É supérfluo argumentar em favor do primeiro grupo, mas o que dizer de artigos já publicados, às vezes em data nem tão remota? Se alguns são raros, e isso por si só justifica sua reimpressão, outros, de publicação recente – em periódico ou livro –, foram selecionados por seu caráter sugestivo ou esclarecedor, e como forma de alcançar o intento basilar deste projeto: esboçar uma abrangente reflexão coletiva que evidencie as tendências a orientarem a pesquisa sobre Sérgio Buarque nos últimos tempos. As lacunas existentes hão de ser em parte compensadas no futuro, talvez sob a inspiração das amostras contrastantes que aqui se apresentam.

3. Este livro se divide em quatro partes. A I Parte – “Perspectivas” – reúne ensaios e artigos sobre Sérgio Buarque de Holanda, distribuídos por quatro seções.<sup>1</sup>

Na primeira seção – “Escrita e circunstância” – estão artigos e ensaios que, variados, se reúnem em torno das circunstâncias da obra: seu alcance, momentos explicativos e traços significativos, referidos ao tempo de sua produção ou de sua circulação, cruzando, quase sempre, preocupações do autor às questões que o tempo propunha. O leitor encontrará aí reflexões sobre a sensibilidade de Sérgio Buarque para os verossímeis do tempo e os significados de sua atual celebração (Alcir Pécora), a inclinação política como chave para a compreensão de *Raízes do Brasil* (Antonio Candido), a condição paulista e sua implicação na atividade intelectual do historiador (Eduardo Henrique Guimarães), o fundo caprichoso ou violento da regulação da vida política em três momentos da obra, e um seu “mineiro” contrapeso (Henrique Estrada Rodrigues), a criação do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da Universidade de São Paulo (João Ricardo de Castro Caldeira), o paralelo e a coerência entre o homem e a obra (Richard Graham), e a quase onipresença da literatura na produção do autor, e seus legados nos campos historiográfico e de crítica literária (Walnice Nogueira Galvão).

Na segunda seção – “*Raízes do Brasil*” –, todos os textos focalizam esse livro clássico, seja para constatar seus elementos historicistas e românticos (Berenice Cavalcante), seja para discutir os seus nexos com a sociologia de

Weber (Brasil Pinheiro Machado), discuti-lo como alegoria dos impasses do movimento modernista brasileiro (Conrado Pires de Castro), sugerir e explorar o campo metafórico aberto pela escrita (Edgar de Decca), explorar sua inserção nos debates do tempo, em especial no confronto com Gilberto Freyre (Elide Rugai Bastos), propor a relevância da instância do desterro-exílio e sua complementação pelo possível sucesso civilizatório (João Cezar de Castro Rocha), aventar um sugestivo paralelo com Lacan, quando se trata do “homem cordial” (Jorge Forbes), seja ainda para imaginar um diálogo entre *Raízes do Brasil* e os labirintos de Octavio Paz (José Monasterio), deslindar o solo historista em que vicejam a imaginação e a escrita do historiador (Maria Odila Leite da Silva Dias), sugerir a dissolução da família na cidade como núcleo para a leitura do livro (Pedro Meira Monteiro), ou, finalmente, explorar o jogo das metáforas que inscrevem *Raízes do Brasil* num movimento polifônico em que harmonia e dissonância são presentes (Roberto Vecchi).

A terceira seção – “Erudição e imaginação” – reúne artigos que mais diretamente contemplam questões de método, trazendo à cena os traços da hermenêutica na obra do historiador (Arno Wehling), o diálogo subliminar de Sérgio Buarque com Nietzsche e o historicismo alemão (Ernani Chaves), a força lógica da “fronteira” nas obras posteriores a *Raízes do Brasil*, com as clareiras da (na) civilização revelando o espaço interdito da experiência (Ettore Finazzi-Agrò), a presença de um “horizonte de autenticidade” a orientar e irmanar as simpatias monarquistas e a militância modernista do jovem Sérgio (João Kennedy Eugênio), o fundo romântico a informar a visada estética e ética do historiador e o “exagero” como parte de seu procedimento analítico (Marcus Vinicius Corrêa Carvalho) e, finalmente, as entradas do espírito modernista no âmbito da institucionalização acadêmica, num misto harmônico de rigor e boemia (Robert Wegner).

A quarta seção – “Visões do paraíso” – reúne reflexões em torno de *Visão do Paraíso*, com a investigação da utilização das crônicas de viagem de que o historiador se valeu (Gustavo Tuna), com a proposição de uma análise do método e a sugestão da importância de certa utilização da tópica de Curtius para a compreensão do livro (Luiz Costa Lima), com o estabelecimento metódico das premissas de fundo que tornam os portugueses, no espelho romântico de *Visão do Paraíso*, continuadores do Medieval no Renascimento (Maria Sylvia Carvalho Franco) e, ao fim, com distinções

conceituais para a compreensão das matrizes teóricas, ou ainda, da inspiração bastante original daquele erudito ensaio (Ronaldo Vainfas).

Na II Parte – “Mensagem cifrada” – reúnem-se seis textos de Sérgio Buarque de Holanda, de épocas variadas, abrangendo um largo espectro de sua trajetória. São eles: “O homem-máquina” (1921), “Homeopatias” (1921), “A viagem a Nápoles” (1931), “Corpo e alma do Brasil” (1935), “O pensamento histórico no Brasil nos últimos 50 anos” (1951) e “Elementos básicos da nacionalidade: o homem” (1967).

Trata-se de um conjunto ilustrativo, mas não exaustivo, de textos nunca publicados em livro.<sup>2</sup> “O homem-máquina”, publicado n<sup>a</sup> *Cigarra*, é particularmente relevante, porque ali Sérgio Buarque identifica a mecanização das relações sociais e sua origem no utilitarismo moderno – termo repleto de ressonâncias ambíguas, cuja negatividade o jovem autor tratava de destacar. “Homeopatias”, publicado na *Fon-Fon!*, é texto sugestivo, por seu caráter epigramático e raro, compondo ainda as primícias do escritor. “A viagem a Nápoles”, conto de corte surrealista e feição autobiográfica, publicado originalmente na *Revista Nova*, está a sugerir análises que cruzem as perspectivas ficcional e ensaística.<sup>3</sup> “Corpo e alma do Brasil”, publicado pouco antes de *Raízes do Brasil*, na revista *Espelho*, é crucial para quem almeja uma compreensão genética das idéias do autor. “O pensamento histórico no Brasil nos últimos 50 anos”, publicado originalmente no *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro, é fonte importante para o entendimento do prisma profissional de Sérgio Buarque de Holanda e de sua inserção no cenário da historiografia brasileira, nos anos 50. “Elementos básicos da nacionalidade: o homem” traz a lúcida conferência proferida na Escola Superior de Guerra em 1967, em momento delicado na vida política brasileira; sua relevância para a interpretação das idéias de Sérgio Buarque e para sua própria reavaliação de *Raízes do Brasil* não pode ser minimizada.

A III Parte – “Dos livros” – consiste em uma bibliografia atualizada tanto da produção de Sérgio Buarque de Holanda quanto dos textos sobre ele e sua obra. O levantamento deve-se ao desvelo de Vera Neumann-Wood e Tereza Cristina Oliveira Nonatto de Carvalho, vindo a complementar o excelente trabalho de Rosemarie Erika Horch, realizado em 1988.

Na IV Parte – “Figurações” –, Neire do Rossio Martins e Márcia Aparecida Marques Silveira, responsáveis pelos arquivos pessoais de Sérgio Buarque de Holanda, guardados hoje na Unicamp, reúnem um significativo conjunto

de fotografias, parte de sua fortuna iconográfica, fonte preciosa de novas informações, mas também (é inevitável) porção adicional de surpresas e enigmas.

4. Muita tinta já foi gasta tentando entender ou questionar o estatuto, ou a instância, do “clássico”. Há os que o negam, os que o afirmam. É costume, e dos piores, essencializá-lo, erigindo obra e autor num monumento que deve conter, já no ato mesmo de sua criação, a inviolabilidade e a inteireza que os pósteros não de atribuir-lhe, ou antes, não de reconhecer-lhe.

Para além do risco da teleologia (o caminho inescapável do clássico), há, nessa sorte de essencialização, a certeza de que dele – autor e obra reunidos no clássico – emanam valores tão altos, tão claramente exemplares, que a ninguém ocorreria questioná-los. Como se no berço, na origem, o clássico contivesse as certezas que no futuro caberia aos homens apenas descobrir.

O projeto deste livro – e sua necessariamente precária realização – nasceu de um sentimento contrário: o de que o clássico é, malgrado seu, uma construção.

Conquanto não nos caiba, aqui, discutir o estatuto do clássico, é preciso reconhecer que os grandes pensamentos sofrem desse mal estatutário (também estatutário, porventura...), que os torna, a bem dizer, reféns de uma imagem fixa. A idéia de reunir tão diversas perspectivas, algumas francamente otimistas, outras menos, surgiu a partir da sensação incômoda de que, talvez, o “clássico” Sérgio Buarque de Holanda (mas alguém ousaria mesmo negar-lhe o estatuto?) estivesse ameaçado pelo mal que ele próprio – melhor que ninguém, aliás – sempre evitou: transformar em imagem límpida aquilo que, no tempo dos homens, pode ser turvo, ou ainda excessivamente luminoso. Jogar com “perspectivas” mais ou menos novas, nesse sentido, será (não vai além disso nossa proposta) oferecer possibilidades de compreensão que ressaltem a variedade que descansa, ou se agita, no seio da obra. Mas, assim dizendo, correríamos o risco de ainda outra essencialização: “a obra”, de onde emanam imagens...

Será casual que Sérgio Buarque de Holanda tenha se preocupado tanto com a linguagem, e que andasse lendo com atenção ninguém menos que Wittgenstein, já maduro e seguro? É verdade que seus interesses variadíssimos e sua folclórica erudição poderiam sugerir uns tantos outros autores, não menos importantes, em múltiplos campos. Entretanto, pa-

rece bastante significativo que, num derradeiro esforço de compreensão (autocompreensão), ele se preocupasse em afirmar-se na sempre precária condição de escritor.<sup>4</sup>

Enfim, é no campo instável da linguagem, das linhas capazes de separar ou unir os homens em suas perspectivas, que a obra pode descansar, ou agitar-se. Talvez aí Sérgio Buarque de Holanda fique melhor, porque aí, e só aí, ele foge aos que buscam sempre os contornos fixos. É raro, afinal, que eles sejam bons.

5. Se este livro nasceu, como projeto, a partir do ensejo do centenário do historiador, em 2002, ele no entanto, por razões de ordem editorial e orçamentária, vem a publicar-se um pouco depois, quando se comemoram, por uma feliz coincidência, os 70 anos da primeira edição de *Raízes do Brasil*. Ocorre que, entre o início da recolha dos textos e a entrega de todo o material à editora, o interesse por Sérgio Buarque de Holanda, dentro e fora do meio acadêmico, só aumentou, como o prova a variedade das leituras correntes sobre o historiador e o crítico literário. É natural, portanto, que o panorama crítico que aqui se propõe, já de si necessariamente fragmentário, torne-se ainda mais parcial. É destino da crítica, porém, envelhecer, criando lacunas. Mas o sentido maior de uma obra coletiva como esta reside, como já pudemos sugerir, no movimento que propõe, não no retrato que fixa.

Por fim, um livro dessa natureza não se perfaz sem o auxílio e a boa vontade de muitas pessoas. Agradecemos a todos aqueles que acreditaram no projeto, desde o seu início, em especial os autores aqui reunidos. Agradecemos aos editores e funcionários das editoras, em Campinas e no Rio de Janeiro, especialmente a Paulo Franchetti (Unicamp) e Lúcia Bastos (UERJ). Agradecemos também a Fernando Antonio Lourenço, que por um largo período esteve acompanhando a preparação da obra e gentilmente se pôs à disposição para resolver problemas que surgissem no Sul.

Diversas pessoas foram convidadas, mas nem todas puderam aceder. De modo geral, a recepção foi calorosa, e mesmo os autores que não puderam participar revelaram-se confiantes e desejosos de que o livro fosse concluído com sucesso. Agradecemos a todos pela generosidade.

Agradecemos o apoio dos colegas, em ambas as universidades em que ensinamos (Princeton University e Universidade Federal do Piauí), e todo o amparo institucional. Também somos gratos aos autores de textos

já publicados que se dispuseram a republicá-los aqui, e aos editores envolvidos. Especialmente, agradecemos a Maria Célia Paoli, que autorizou a publicação de um velho e importante texto de seu pai, e a Antonio Candido, que com generosidade exemplar percebeu que o nosso intuito nunca foi iconoclastico, no sentido mais estrito do termo. Os mestres seguem sendo, sempre, os gigantes sobre cujos ombros se entrevêem os (seus, nossos?) projetos futuros.

Por fim, e fundamentalmente, agradecemos à família Buarque de Holanda, que gentilmente, nas figuras de Álvaro e Zeca, aceitou incluir uns tantos textos inéditos em livro, que o leitor e os estudiosos de Sérgio Buarque poderão consultar aqui.

Princeton e Teresina, fevereiro de 2006

## Notas

- 1 Conquanto o caráter compósito seja o resultado necessário de uma reunião de textos como esta, pareceu-nos possível estabelecer linhas divisórias que agrupassem as várias contribuições em conjuntos mais ou menos estáveis. É inevitável, entretanto, que a qualidade dos ensaios os torne refratários a essas mesmas linhas, que aqui se mantêm apenas com fins práticos.
- 2 Quando líamos as provas finais deste livro, saía a lume a edição comemorativa dos 70 anos de *Raízes do Brasil*, em que também se inclui, como anexo, o ensaio “Corpo e alma do Brasil”, de 1935. Cf. Araújo, Ricardo Benzaquen de; Schwarcz, Lilia Moritz (orgs.). Holanda, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- 3 Destaque-se, entretanto, o cruzamento já operado entre esse conto e uma outra viagem a Nápoles, de Alberto Rangel. Cf. Hardman, Francisco Foot. *Duas viagens a Nápoles*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1998. *Papéis Avulsos*, nº 32.
- 4 “A idéia de que esse ofício [do historiador] só ganha cunho verdadeiramente científico se fizer uso de uma terminologia simplificadora e um tanto sestrosa não passa de má caricatura de outra idéia, esta legítima, a saber, que o zelo pela linguagem e, se quiserem, até recursos estilísticos adequados são instrumentos que o historiador que se preze não deve jogar no lixo. Lidando com o concreto e o abstrato, com o único e o múltiplo, com o individual e o genérico, à própria espessura e densidade do material que estuda repugnam a locução rala, descolorida, indiferenciadora, inerte ou informe. Se isso pode acontecer em outras disciplinas (e se parece obrigatório que aconteça bastando, para mencionar só os mortos, nomes como os de Galileu, de Buffon, de Humboldt, grandes cientistas e grandes escritores), já da História dificilmente se dirá o mesmo.” Holanda, Sérgio Buarque de. “Sobre uma doença infantil da historiografia”. In: *Para uma nova história: textos de Sérgio Buarque de Holanda*, organizado por Marcos Costa. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 126.



**I PARTE**

**PERSPECTIVAS**

